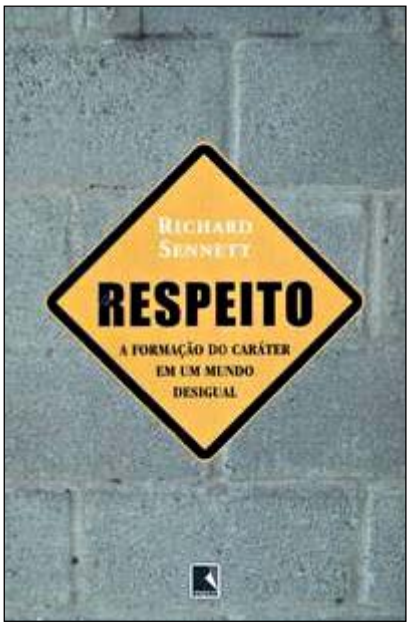
REFLEXÕES SOBRE O RESPEITO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA COM CRIANÇAS

Flávia Motta[*]



SENNETT, RICHARD. *Respeito: A formação de caráter em um mundo desigual.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

O tema central é a relação entre desigualdade e respeito e suas conseqüências. A partir de uma escrita não convencional Sennett realiza uma sociologia "autobiográfica" trazendo como elementos para análise a infância num conjunto habitacional, as atividades profissionais de sua mãe como Assistente Social e sua experiência como violoncelista, abortada prematuramente por uma cirurgia na mão. Descrevendo a arquitetura dos prédios e as proibições de alterações nas áreas externas, até mesmo no cuidado dos canteiros, pensei imediatamente na arquitetura padronizada de nossas escolas, como se existissem "fôrmas" para fabricar moradias para *"... negros, brancos pobres..."* (p. 21), escolas públicas ou mesmo Universidades Federais – não pude deixar de pensar nas semelhanças entre os seus projetos arquitetônicos. A passividade que se esperava dos habitantes do Cabrini tornava o "respeito" ao projeto inicial mais relevante que o reconhecimento das especificidades de cada grupo. Havia ainda, neste caso, o agravante de que a escolha dos moradores era uma atribuição da Secretaria de Habitação de Chicago, ou seja, morar lá não parecia exatamente um projeto de vida, mas uma falta de opção. Essa condição fazia com que os moradores fossem vistos como os últimos numa escala de merecimento de respeito como ilustra o exemplo da criança que se feriu próximo de casa (p.26). A seqüência das pessoas informadas sobre o fato é reveladora: hospital → polícia → escola → assistentes sociais → família. Verifica-se que, além da questão do respeito, ocorre uma verdadeira desautorização das figuras dos pais.

Sennett destaca a categoria da "dependência adulta" como fator aviltante e de demérito e afirma que: *"a caridade em si tem o poder de ferir; a piedade pode gerar desprezo; a compaixão pode ser intimamente relacionada com a desigualdade"* (p.55). Diferencia ainda respeito próprio e reconhecimento pelo outro, sinalizando a dificuldade de um diálogo equilibrado diante das fronteiras da desigualdade.

O respeito próprio é algo ligado à percepção de um talento ou habilidade em si mesmo. Nova pausa para refletir sobre nossa condição de pesquisadores, habilidosos artesãos das teorias sobre a infância, profundamente dedicados a dar voz aos "infans", porém contaminados pela desigualdade em nossas relações com os professores. Com que freqüência deixamos de enxergar o "mandato" contraditório ou "paradoxal" de sua atividade profissional: socializem, contribuam para

**Psicóloga pela Universidade Gama Filho. Mestranda em Educação Brasileira e Membro da Equipe de Pesquisa INFOC – Infância, Formação e Cultura (PUC-RJ).*

a formação de sujeitos éticos, dotados de moral, portanto que saibam abrir mão de seus desejos em nome do bem-estar coletivo, mas façam tudo isso sem cercear, coagir, sem negar as individualidades, pois, quando atos desta natureza forem percebidos, não passarão impunes à nossa atenção, nosso caderno de campo, nossa crítica...

Sennett "traz as ressonâncias da "contracultura", movimento dos anos 60 que "*... armou um ataque à disciplina na teoria e na prática...*" e cita Marshall Berman, filósofo que afirma: *"...todos os fatos e valores são turbilhonados, explodidos, decompostos, recombinados; uma incerteza fundamental sobre o que é fundamental, o que é válido, o que é real."* (p.43).

Na relação entre desiguais é importante, segundo Sennett, aprender a não expor o privilégio de forma a parecer desrespeito. Exemplifica com o jovem médico que retorna à sua comunidade e parece dizer por trás de seu discurso explícito: "se eu pude, por que vocês não?" (p.51). Relatando sua experiência em Harvard, Sennet cita Erikson e Riesman como professores que o influenciaram; o primeiro por sua habilidade de escuta, o segundo por sua cobrança acentuada, porém ambos por uma aparente inadequação à universidade. Orientado por eles, foi aprender a realizar entrevistas. Sua definição para a postura que o entrevistador deve assumir é exemplar: *"... não pode ser friamente impessoal; ele tem que dar algo de si mesmo para merecer uma resposta sincera. Mas a conversa aderna em outra direção; a questão não é conversar como se faz entre amigos. (...) A habilidade consiste em calibrar as distâncias sociais sem deixar o entrevistado se sentir um inseto sob o microscópio."* (p.55)

Sennett relaciona a habilidade de Erikson ao trabalhar com crianças pequenas a um *"terceiro ouvido"*, termo usado por músicos. Esta característica é como a atenção flutuante da psicanálise, a qual leva o psicanalista a escutar todo o discurso sem prender-se a aspectos específicos daquilo que é dito, buscando o que pode haver de implícito nele. Seria algo como estar *"... tanto presente como alheio a um relacionamento..."* (p.55). Ainda sobre a entrevista, Sennett recomenda cuidado com as nossas identificações e sugere: *"... se você os respeita, não se projete neles."* (p. 61). Reconhece, porém a dificuldade dessa ação, pois sabe que todas as relações se iniciam por projeções e vai adiante, dizendo que o respeito mútuo decorre do erro de se ver no outro. Em suas palavras *"... se na entrevista ou na vida comum não lidamos com o erro na identificação, somos apanhados na faina da compreensão auto-referente; nada do que esteja fora de nós mesmos é real. Mas, a confusão entre mim e o outro também pode servir como ponto de partida necessário para a construção de um relacionamento social ulterior..."* (p.62)

Sintetizando as experiências do conjunto habitacional e as aprendizagens nas entrevistas em Harvard para avaliar algumas das origens da dificuldade de estabelecimento do respeito mútuo. Sennet diz que *"... Nesta base, estão experiências mais difíceis de interpretar: a necessidade de abster-se para que se possa respeitar o outro, a divisão entre o respeito próprio e o respeito de grupo, a força do eu que diminui os outros, o descompasso entre autoconfiança e consideração pelos outros, o vínculo com os outros que resulta do erro de imaginar que eles são semelhantes."* (p.64 – 65).

Sennet faz praticamente um glossário para alinhar a percepção dos leitores sobre exatamente o que está falando quando se utiliza de termos que têm ampla utilização: a) O caráter teria uma dimensão relacional enquanto a personalidade seria aquilo que o sujeito é. Status, por sua vez seria a "*... posição de uma pessoa na hierarquia social."* (p.71); b) *"Prestígio refere-se às emoções que o status suscita nos outros..."* (p.72); c) Reconhecimento vai além do prestígio, pois implica numa mutualidade, Sennet cita Habermas que o define assim: *"significa respeitar as necessidades*

daqueles cujos interesses os levam a discordar." (p.73; e d) Honra, por sua vez, sugere padrões ou um "*código de conduta"...* (p.73).

Esclarecimentos feitos, o autor passa a definir as maneiras pelas quais as pessoas conquistam ou não respeito: O autodesenvolvimento, transformando potenciais em capacidades e habilidades realizadas; Cuidar de si mesmo, de forma a não *"...se tornar um fardo para os outros..."* (p.82); *"Retribuir aos outros"* (p.83).

Em seguida, Sennett apresenta um histórico da substituição do respeito por herança para o respeito por talento e de como a sociedade desenvolveu instituições para regular e "*enquadrar*" os talentos: *"... a ênfase na aptidão e no potencial incitou, ainda mais cedo no ciclo da vida, o raciocínio de que os indivíduos devem ser recompensados por sua capacidade." (p. 103).* As figuras do perito e do mestre – ambas instigadoras de respeito, embora por vias distintas - trazem as conseqüências dessas mudanças para a formação do caráter; o primeiro com seu foco no próprio fazer bem feito e, o segundo voltado para mostrar aos outros como se faz bem feito. O tempo, para o perito é vagaroso, pois se reflete na dedicação que o que tem ser feito requer. Já para o mestre, o tempo é o da exibição. A aprendizagem também pode se dar de duas formas: pela imitação ou pela reflexão gerada pelas perguntas. Os riscos de "falhas" nestes modelos são a indiferença para o perito ou a mera exibição de talento em busca de prestígio.

Sennett aborda um sentimento que o talento pode provocar nos demais: a inveja. Segundo ele, nossa sociedade convida à inveja ao desprezar a tradição e valorizar o mérito pessoal (p. 111). A conseqüência direta da inveja é a perda de confiança nas próprias capacidades. As desigualdades, agravadas por ela, minam a autoconfiança levando à baixa auto-estima (p. 117). Por mais que tenha se desenvolvido um discurso de privilegiar a diversidade em lugar da desigualdade, ainda há um modelo extremamente meritocrático regulando as ações sociais: *"... mérito e talento tornaram-se sinônimos. A alquimia produziu o termo moderno meritocracia... (que) habita o mesmo país lingüístico da aptidão, fundindo motivação, desejo e atitude com coragem e habilidade."* (p.118)

O tema seguinte é o da dependência, distinta nos âmbitos da vida privada e da pública (p. 123). Se a primeira é motivo de união, a segunda é promotora de vergonha social. O sistema americano de *welfare state* acaba por criar um sentimento de "infantilização" dos adultos (p.125). Note-se aqui mais uma vez a conotação negativa dada à infância, que se infiltra nos discursos e nos pensamentos, apesar de não parecer ser esta a intenção do autor.

Sennett mostra que a valorização da *"ética do trabalho"* (p.131) tornou-se um valor absoluto que impregnou a sociedade a partir do séc. XIX e afirma:

> "... é um tipo de perversão de valores liberais (...) levava as pessoas a provar seu valor, mostrar que eram independentes, resolutas, determinadas, mas se revelava pela negação dos próprios prazeres – entretanto nenhuma evidência examinada era suficientemente boa. o homem pressionado empenha-se em dar novas evidências de seu valor." (p.131).

Simultaneamente, desenvolveu-se a necessidade de preparação e disciplina. A Educação incorporou a formação para o trabalho, entretanto desvinculada do fazer concreto. Sennett cita Àries e a prorrogação do período em *"... que os seres humanos passavam nas condições dependentes da infância."* (p.132).

O autor introduz uma análise psicológica do desenvolvimento humano, mostrando que o avanço em direção da independência não se dá em etapas, como se pensava, mas é um processo de idas e vindas, onde a regressão faz parte do processo. Distingue vergonha e culpa afirmando: *"... a*

diferença está entre a transgressão que produz culpa, e a inadequação, que gera vergonha." (p. 138). Esta introjeção de valores sociais deixa o sujeito diante de uma impossibilidade: por sempre haver a imagem de um *"Outro ideal"* (p.139) sempre haverá um sentimento de incompletude que levará à indagação sobre o que está errado consigo mesmo. A superação desses impasses poderia estar na autonomia. Sennett mostra que foram várias as definições para este termo. Winnicott parece dar conta da relação entre desiguais, pois a define como: "*... a capacidade de tratar os outros de uma forma diferente de si mesmo (...) compreender que a distinção confere autonomia aos outros e a si mesmo. (...) Winnicott acreditava que esta percepção da diferença tem um papel positivo na formação de um laço social."* (p.143-144).

Uma decorrência deste tipo de autonomia estaria no desenvolvimento da solidariedade, uma espécie de aproximação ao outro, conferindo-lhe o direito à diferença e, talvez mais importante, um reconhecimento da impossibilidade de sua compreensão total (p.145).

A terceira parte do livro debate o welfare state, discutindo suas instituições, burocratização, desinstitucionalização, enfim traços que caracterizam uma sociedade de bem-estar. Sennett discute a eficácia das organizações envolvidas nos processos e os estilos de gerências e sintetiza: *"Tanto no conjunto habitacional como na corporação, a instituição torna respeitável a realidade da dependência, mas não honra a autonomia neste relacionamento."* (p.201).

A partir da globalização, o autor aborda a substituição das estruturas organizacionais piramidais por outras, em *"rede"* (p.211). A velocidade de execução das decisões aumenta, porém o caráter democrático tende a diminuir, pois a *"verdadeira democracia é sempre lenta – deliberativa e expansiva."* (p.213). O modelo de empresa flexível foi apropriado pelo Estado em suas organizações. *"Enxugar (...) significa um Estado reduzir suas responsabilidades pela limitação de garantias fixas ou permanentes, substituindo-as por atos mais temporários de ajuda."* (p.215). A escolha de um modelo mais enxuto provoca uma diminuição na oferta dos serviços, produzindo mais miséria. Uma rede de voluntariado pode fortalecer-se com a omissão do Estado. Sennet o considera *"... uma solução insuficiente para unir estranhos, ou para lidar com as complexidades sociais."* (p.229).

O autor relaciona respeito aos rituais sociais, onde, por ensaio e erro, as pessoas aprendem onde se abster de forma reservada ou onde atuar. Chama essa aprendizagem de tradição e diz que o seu poder vem do conhecimento de *"... como expressar-se aos outros..."*. (p.243). Para ele, a sociedade moderna rompeu com o poder dos rituais em busca de igualdade, tratando as diferenças como fatos sociais e não representações. Cita Berguer que considera que o preço pago pela sociedade neste rompimento é o enfraquecimento da honra social e que *"... afastar-se dos papéis, é afastar-se de si mesmo...."*. (p.244)

Dialogando com a antropologia, o autor busca em Mauss uma análise interessante sobre o que está em jogo num estado de bem-estar social. O valor que é devido ao indivíduo não tem equivalência financeira, pois *"Uma vida inteira de trabalho árduo não tem equivalente monetário"* (p. 249). Entretanto, observamos que há uma expectativa de reciprocidade para fundamentar o respeito mútuo, porém, como não há como atribuir valores equivalentes ao que está em troca, os símbolos adquirem um poder emocional. "*Uma troca econômica é uma transação curta; as novas formas institucionais de capitalismo são particularmente de curto prazo. Ao contrário, uma troca ritual, em especial deste tipo assimétrico, cria um relacionamento mais prolongado..." (*p.251). Sennett conclui que os motivos do capitalismo moderno não criar rituais com forte poder de ligação estariam na "... insistência do capitalismo na simetria da troca e sua estrutura cada vez menor de tempo compartilhado." (p.251). Sennett conclui:

> "... as trocas rituais constroem respeito mútuo (...). Tão profundo é este poder de troca expressiva que ele pode ser desvirtuado para os fins mais contrários: a desigualdade pode fazer bem, ou a não-possessividade pode parecer natural. A arte de expressar respeito, como qualquer ato expressivo não implica justiça, verdade ou bondade (...) expressar respeito mútuo pode fazer mal a um indivíduo." (p.256).

Diante da desvalorização das tradições, o autor aborda a questão da autoconfiança; necessária para o respeito próprio, porém ameaçadora por poder provocar a paralisação do sujeito. Diante de mudanças bruscas, Sennett recorre a Lévi-Strauss e seu conceito de *bricolage*: *"... desconstrução de uma cultura em suas peças e posterior embalagem para viagem."* (p.262). A idéia dos viajantes que se lembram de suas tradições garante a segurança necessária para enfrentar um mundo incoerente e novo.

Haveria algo de conhecido e familiar num mundo "estável" que garantiria às pessoas a certeza do que fazer e a segurança de que saberia o que se espera dele. O conhecimento tácito permitiria aos sujeitos um *"... quadro do mundo que tomamos como certo e, com isso, concentramo-nos em executar tarefas específicas, confiar nos outros e sentir confiança em nós mesmos."* (p.268). Para a sociedade contemporânea, tais certezas configuram-se em erro, já que a realidade externa muda e exige que o sujeito se adapte à uma permanente transformação. Sennett mostra que essa necessidade de mudança é imposta pelas organizações e provoca nas pessoas *"... depressão e maus pressentimentos em vez de esperança..."* (p.274)

O autor conclui afirmando a consciência de um hiato em seu ensaio, no que se refere às políticas e planos: *"As pessoas não são tratadas com respeito simplesmente em obediência a uma ordem de que isso deva acontecer. O reconhecimento mútuo tem de ser negociado; esta negociação envolve as complexidades tanto do caráter pessoal quanto da estrutura social."* (p.295).